



casadesarmiento

centro de estudos do património

A argola encontrada em Penela

Francisco Martins Sarmiento

Novidades, Lisboa, 1885, n.ºs 8 e 9

Com este título publicou o *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes* (IV, n.º 5) uma carta de Mr. de Cougny, explicando o préstimo e a procedência do já hoje célebre bracelete de Penela.

Mr. de Cougny inclina-se a crer que a argola não é um colar, como alguns supunham. Quanto à sua procedência, depois de dar por assente que o bracelete se diferencia sob muitos aspectos das jóias da mesma espécie, encontradas na Dinamarca; Suíça, França, em geral na parte central e no ocidente da Europa, não podendo por isso ser-lhe atribuída a mesma origem, procura e acha entre a sua ornamentação e o velho estilo ornamental da Assíria e do Egipto analogias frisantes; e, atentando nas relações que os fenícios mantinham tanto com estes países, como com o extremo ocidente, abraça com certo amor a hipótese de que o bracelete de Penela é obra de fenícios, feita talvez para adornar a estátua de Hércules gaditano.

Salva a consideração que nos merece o sábio estrangeiro, não podemos deixar de dizer aqui que as suas opiniões nos parecem muito estranhas.

Deixando de lado a suposição, fantasista de mais, de que o bracelete adornasse a estátua do Hércules de Gades, — que, diga-se de passagem, não tinha estátua nenhuma, se havemos de dar crédito aos antigos, Sílio Itálico, Teofrasto, etc. — a nossa estranheza começa com a afirmativa peremptória de que o nosso bracelete se diferencia “sous maints rapports” das jóias da idade do bronze, encontradas no centro e ocidente da Europa. Estas diferenças não podem recair sobre

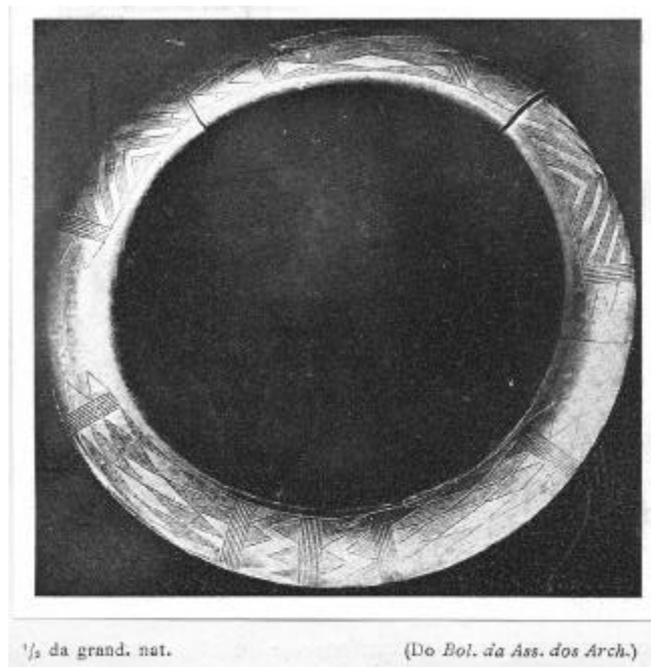


a matéria, a forma, a grossura, o diâmetro dum bracelete de oiro, venha ele de onde vier: ninguém ignora que as jóias de oiro coexistem com as do bronze; que a forma circular é comum em braceletes, e ainda mais em colares de bronze; que há braceletes de bronze muito mais grossos que os de Penela; e, com respeito ao seu diâmetro, sabido que alguns braceletes eram trazidos na parte superior do antebraço¹ o bracelete de Penela com o seu diâmetro de pouco mais de um decímetro não obriga a supor no seu possuidor as formas robustas dum Hércules. Ora se na apreciação das analogias ou diferenças entre as jóias da idade do bronze e a de Penela, não podem entrar em linha de conta a matéria, a forma, a grossura, o diâmetro, os “muitos aspectos” que pareciam alargar consideravelmente o terreno da comparação ficam reduzidos a dois únicos: a ornamentação e o fecho, que, diz Mr. de Cougny, dá ao bracelete de Penela um “caractère tout particulier et unique”. E tanto assim é, que, faltando-lhe este segundo terreno da comparação, o ilustre crítico assenta toda a sua argumentação no primeiro. Mas, ouvindo-o neste particular, a nossa surpresa cresce. “Si l’on - étudie — escreve Mr. de Cougny — les objets de parure égyptiens, bracelets, colliers, on retrouve partout reproduits les chevrons, les losanges, les dents de scie, qui forment l’ornementation de votre cercle d’or, ainsi que les ciselures quadrillées que vous signalez dans votre explication. Ces mêmes motifs géométriques, on les rencontre prodigués à l’infini dans les peintures murales, et tout particulièrement dans celles du tombeau de Phtah-Hotep, reproduites dans le premier volume de *l’Histoire de Part dans l’antiquité*, par MM. Perrot et Chipiez.

É singular que estes “chevrons”, estes “losanges”, estes “dents de scie”, que Mr. de Cougny só encontra no Egipto, segundo parece, encontrava-os Henri Martin nos objectos de bronze, na cerâmica, nos dólmenes, quase por toda a parte, mas para ver neles a mão dos seus celtas: e a verdade é que, se folheámos qualquer obra que reproduza objectos da idade do bronze, *Le Musée préhistorique*, de Mortillet; *L’âge du bronze*, d Evans; *Le bel âge du bronze*, de Desor; *Les*

¹ Possuímos uma das chamadas estátuas calaicas, que tem em cada braço dois braceletes, conforme a posição indicada no texto. Estas estátuas representavam, como se sabe, homens e não deuses. Lusitanos e galegos usavam, pois, de braceletes. Para os segurar na parte superior do antebraço, força era recorrer a um meio mais ou menos engenhoso e nós desconfiamos muito que fosse um destes meios que obrigou a compor com duas peças o bracelete de Penela.

Protohelvètes, de Gross, etc., etc., nós encontrámos aí a cada passo os mesmíssimos temas ornamentais, que caracterizam o bracelete de Penela, enquanto que se perde a paciência a procurar nos volumes de Perrot e Chipiez alguma coisa que se lhe assemelhe, sem exceptuar as pinturas murais do túmulo de Phtah-Hotep, que Mr. de Cougny nos aponta "tout particulièrement". As "ciselures quadrillées" do nosso bracelete, por exemplo, parecem gravadas pelo mesmo buril que trabalhou a peça n.º 6, estampa VI, da obra de Desor; todos os outros ornatos triangulares acham-se reproduzidos até a monotonia numa quantidade inumerável de machados e jóias de bronze; são tão triviais, que nos aparecem aqui e ali em objectos de barro e em objectos de xisto.



Em vista de factos tão positivos e que quem quer poderá verificar, compreende-se bem a nossa estranheza, tratando-se de opiniões, cuja única base não pode ser mais ruínosa: pela sua ornamentação o bracelete de Penela tem tudo a ver com os objectos da idade do bronze e nada, ou muitíssimo pouco, com os do Egipto e Assíria.



Pela sua outra característica, o modo de fechar, que não é “unique” como Mr. de Cougny supõe, a mesma coisa. Nós indicaremos para exemplo uma jóia encontrada na Alsácia e estampada na obra de Mr. Ring, *Tombes celtiques de l’Alsace*, 1, n.º 5, estampa E um colar de bronze, que fecha por meio dum delgado espigão, saliente no topo duma das suas extremidades e embutindo numa caridade reentrante, no topo da extremidade oposta. E exactamente como fecha o nosso bracelete² com a diferença de que, atenta a pouca elasticidade do círculo que não podia dar a abertura desejada que dava o flexível colar de bronze, foi necessário compor a jóia de duas peças, mas a mais pequena embute na maior por meio dos mesmos espigões quadrados, as mesmas cavidades.

Parece-nos, portanto, que por qualquer aspecto que consideremos o bracelete de Penela, muito pelo contrário do que sustenta Mr. de Cougny, é na civilização do bronze, e não noutra parte, que temos de procurar-lhe a origem.

Neste campo surgem dificuldades de outra ordem. Os investigadores, que se tem ocupado com a metalurgia do bronze no ocidente, estão longe de se entender. As armas e jóias de bronze que se encontram no centro e ocidente da Europa vieram de fábricas fenícias? das fábricas da Etrúria? das fábricas do Cáucaso? Todas estas hipóteses tem sido sustentadas com mais ou menos fortuna; só a hipótese mais óbvia, a saber — que os objectos de bronze encontrados no Ocidente foram fabricados no Ocidente — essa é que não tem tido grandes defensores. Nós dizemos óbvia, porque, se os povos do Ocidente, que consumiam artefactos de bronze, já os conheciam e usavam, quando emigraram para esta parte da Europa, é mais que extraordinário que eles não trouxessem consigo metalurgistas seus e se arriscassem a voltar à época da pedra. Só os objectos de bronze para os ocidentais foram uma inovação, importada de fora, é inexplicável que os seus fabricantes não viessem explorar de perto os numerosos consumidores da sua indústria — o que implica a vulgarização dela. A favor de tal vulgarização militam mesmo os modelos de objectos de bronze, que se estão descobrindo a cada momento pela Europa Ocidental, e os chamados esconderijos dos fundidores ambulantes. Fala-se, é verdade, nos altos segredos da metalurgia, nas associações misteriosas destes filhos de Vulcano; mas

² Na mesma estampa, 6, encontra-se um bracelete que fecha da mesma maneira.



nós nem podemos concordar em que seja preciso um grande talento para fundir um machado ou uma argola de bronze e para burilar nestes artefactos alguns desenhos geométricos nem podemos conceber que o segredo, se o houve, pudesse manter-se durante toda a época da civilização do bronze. Para dizermos tudo, a hipótese dum centro metalúrgico único e a enormes distâncias dos mercados ocidentais, figura-se-nos uma ideia das mais cerebrinas, e até nem percebemos como ela pôde formar-se no espírito dos pensadores. A unidade deste centro industrial foi deduzida da unidade do estilo ornamental, realmente surpreendente, que caracteriza a civilização do bronze? Este último facto é um dos enigmas mais curiosos da arqueologia, mas cumpre desde já advertir que ele não é peculiar duma dada época histórica. A cerâmica da Lusitânia, a julgar pelos achados de Sabroso, Citânia, Castro de Areosa, etc., empregava, ao tempo da conquista romana, os mesmos ornatos que se encontram nos objectos de bronze e nos objectos de barro das cidades lacustres da Suíça, a algumas das quais Mr. Gross atribui uma antiguidade quase fabulosa.

Assim no Centro e Ocidente da Europa existiu um estilo ornamental, extremamente vulgarizado, mas tão invariável, tão estacionário, que os séculos dobram uns sobre outros, sem o mover da sua rotina. Viesse donde viesse, ele torna-se tão trivial nestas regiões do ocidente, que os oleiros, a que chamaríamos hoje de aldeia, não conhecem outro.

Aqui está para nós um fenómeno verdadeiramente extraordinário, aliás facilmente explicável, se pudéssemos admitir que a misteriosa civilização do Ocidente pertencia à categoria das civilizações cansadas e mortas e que vivem unicamente das tradições do seu passado. Ninguém, porém, admite decerto, e nós muito menos, que os povos da chamada civilização do bronze estivessem neste caso. Se eles são de raça ariana, como cremos firmemente, eles deviam mostrar nesta Europa que escolheram para pátria, a mesma vida que mostraram os árias, colonizadores da Grécia e da Itália.

O imobilismo da sua civilização não o sabemos decifrar se não pela intervenção dum acontecimento extraordinário que os isolasse dos seus irmãos da Grécia e da Itália, donde precisamente lhes podia vir a luz reflexa de todo o progredimento. Este isolamento é um facto certo; mas ele não pode ser espontâneo. Pelo contrário por entre as obscuridades da história antiga descortinam-se, entre os árias do



centro e norte da Europa e a Grécia, comunicações aturadas, que demonstram da parte daquelas populações a vontade decidida de estreitar relações com os Helenos. Falamos da célebre devoção dos Hiperbóreos, que vinham trazer periodicamente as suas oferendas aos templos da Grécia. Porque cessam de repente estas peregrinações, que deviam naturalmente familiarizar cada vez mais os povos dos dois países? Ignora-se. Só se sabe que os Hiperbóreos, que para Homero e Hesíodo eram povos históricos, para Heródoto já são uma espécie de mito.

Notemos agora que, entre Hesíodo e Heródoto, a Europa sofreu uma profunda revolução etnográfica com o aparecimento dos Celtas. Seguindo a distribuição destas hordas bárbaras, como a indica Lívio, de acordo com outros antigos, os Celtas estendem-se pelo menos desde as fontes do Danúbio até à foz do Pó, tomam todo o vale do Pó e grande parte do litoral do sul da Gália, formando uma espécie de muro tártaro entre as populações do Centro e Ocidente da Europa, a Grécia e a península italiana. Tanto assim é que, quando mais tarde os romanos precisam de expandir-se para o norte da sua península, eles têm de destruir, como conta Políbio, quase um por um, todos esses bárbaros intrusos, alguns dos quais, se jactavam de ter incendiado Roma.

Aqui está, a nosso ver, a explicação única da imobilidade da civilização do bronze. A conquista céltica, além de escravizar uma parte dos povos que a importaram consigo, deu-lhe um golpe de morte, cortando-lhe todas as comunicações com as civilizações progressivas; e manter todas as tradições do seu passado contra a influência deletéria desses conquistadores selvagens, que foram o terror da Grécia e de Roma, eis ao que ficaram condenados, os povos ocidentais. O sol do mundo moral só reaparece para eles, ao fim de longos séculos, com a chegada dos romanos, que destroem o domínio da barbárie e que, rasgando estradas por toda a parte, os põem em contacto, com a máxima cultura daqueles tempos.

Tal é a nossa opinião. E é por isso que nada nos espanta que os romanos do primeiro século venham encontrar na Lusitânia o mesmo estilo ornamental, usado talvez mais de quinze séculos antes nas lacustres Suíças. Daqui concluímos também que o bracelete de Penela, por mais arcaica que à primeira vista pareça a sua ornamentação, pode ser de fabricação relativamente moderna, mesmo de época posterior à dominação romana, porque é de crer que a



dominação romana não vinha proscrever instantaneamente a rotina. Isto não quer dizer de modo algum que muito antes dos romanos não houvesse na Lusitânia quem soubesse trabalhar aquela jóia e outras muito melhores. A opinião abraçada infelizmente por Herculano e segundo - a qual os nossos antepassados, antes do contacto com o povo-rei, estavam, na plana, dos Tapuias, opinião que parece ainda a de muitos pensadores; é realmente deplorável, porque nem sequer repara que os antigos, sempre propensos a desdenhar dos bárbaros, não autorizam este pessimismo. Pelo contrário, as suas afirmativas são de tal ordem, que muitas vezes é necessário dar-lhes desconto de meio por meio. Neste caso está a notícia de Ateneu, citado por Políbio, sobre o fabuloso palácio dum rei hispânico, que pouco deixaria a desejar às magnificências de Alcino; aí os vasos de prata seriam sem conta. No mesmo caso está a notícia de Diodoro Sículo acerca dos vasos de prata e dos tonéis de prata que os cartagineses vieram encontrar na Espanha. O Tejo, o Douro, o Lima lutavam com o Pactolo, diz Sílio Itálico, e a crer o poeta, os Astures pouco mais faziam do que explorar as minas de ouro do seu país. Se César, como afirmam os seus biógrafos, pretextava qualquer bagatela para meter a saque as cidades da Lusitânia e pagar com o produto destas rapinas aos seus credores, é porque as cidades da Lusitânia continham preciosidades. ~4uitas destas preciosidades deviam ser idênticas às que possuía o sogro de Viriato. Conta Diodoro que o grande caudilho, vendo a opulenta baixela que o pai de sua mulher exibia diante dele no dia das suas bodas, estranhava que os romanos, que aliás conheciam aquelas riquezas, se não tivessem apoderado delas.

Dir-se-á que nada disto prova, que os objectos de luxo, existentes neste remoto ocidente, foram fabricados por gente desta região; mas aqui temos Marcial que nos fala expressamente dos dourados vasos da Galiza, como se a sua reputação fosse proverbial.

Mais peso que o testemunho dos antigos têm os factos positivos. Nós já mostrámos noutra parte (*Arte Portuguesa*) que na Lusitânia pré-romana existia uma arte, cujo estilo ornamental é sempre o da civilização do bronze. Não faltava entre nós quem abrisse na pedra diferentes baixos-relevos, quem gravasse em barro ornatos variadíssimos. Por outro lado a forma especial de certos machados de bronze, que só na Lusitânia se encontram, tem feito crer que eles saíram de fábricas indígenas. Como duvidar então que a gente que sabe fundir um machado de bronze não saiba fundir uma argola de



casadesarmento

centro de estudos do património

oiro? que um ourives, que sabe fundir um bracelete, não saiba abrir nele uns ornatos, que qualquer oleiro sabe burilar no barro?

Em resumo, a origem fenícia do bracelete de Penela é insustentável; — tudo nos prova que ele saiu duma fábrica indígena; — nenhum critério possuímos para fixar a data da sua fabricação: tantas razões há para afirmar que ele fosse feito no tempo da conquista romana, ou ainda depois, como para afirmar que fosse feito muitos séculos antes.

O atraso da arqueologia no nosso país não permite ainda discutir esta ordem de problemas. *Salvo meliori judicio.*

Guimarães, 24-12-84